



Esta espécie de livro não é mais do que um conjunto de lápis afiados por um desafio comum.

Para que um objecto inanimado dê vida a quem nunca existiu, num cenário que não pode acontecer.

E para que conste que, quando se desafia o lápis, qualquer um de nós é capaz de o afiar e de o desinanimar até que fique rombudo, que é a forma do bico lhe doer.

Nota sobre direitos de autor

Esta obra só foi possível graças à utilização gratuita de conhecimentos de milénios. As suas reprodução, partilha e distribuição, em todo ou em parte, são vivamente aconselhadas. Desde que, quando a partilhares, uses ou modifiques, refiras fonte e autor e não a utilizes com fins comerciais e/ou discriminatórios.

O Dono – A Empregada	3
[Sem título] – Clara	6
Glória – Toni	9
[Sem título] - Pedro R.	15
As árvores também dançam - Selene e Endymion	17
Dois – Maria	25
Lopes – Marta	26
[Sem título] – Diana	28
[Sem título] – Daniela	37
Amanhã, já não é outro dia - Ana da Palma	40
[Sem título] – Artemísia Baco	45
[Sem título] – Lois	46
Esqueci-me – Paulo	52
Luz - Carlota Joaquina	53
Uma tarde de nevoeiro no Porto é um combate sem fim contra a solidão – Youri	60

O Dono

Será uma rotina algo digno de ser contado?

Afinal é só uma rotina. O mesmo ram ram dia sim dia sim, hora sim hora sim. Não me atrevo a afirmar “minuto sim minuto sim”.

Mas, provavelmente, duas rotinas serão mais dignas de estória. Duas rotinas que preenchem quase as 24 horas do dia.

Sou dono de uma papelaria (talvez seja este o nome adequado), mas também se encontram pelas prateleiras um bom desodorizante, umas lâminas de barbear de última hora e até packs de meias de mousse.

Ser dono de uma papelaria traz algum estatuto, não pela “papelaria” mas pelo “Dono”. As pessoas gostam de ser atendidas pelo dono. Gostam de apertar a mão quando chegam e de repetir a rotina quando se vão.

A minha superfície comercial é asseada, arejada. Faço por mantê-la assim, se calhar por influência da minha outra rotina. A minha mulher trabalha lá comigo... ou algo parecido. O que inte-

ressa é que a minha mulher é bonita, roliça, de um louro mensal luminoso e com uns seios que descompõem qualquer decote. Com o tempo desabitei-me de a chamar pelo nome e, nos dias que correm, deixei mesmo de a chamar... O que importa é que é roliça, chamativa e cheira bem, algo que me faz esquecer a minha outra rotina.

Abre às 9 horas, mas às vezes já lá estou às 8h30 – dá jeito aos estudantes que fazem tudo à última da hora e que antes da aula começar ainda têm que tirar umas quantas fotocópias que já poderiam ter sido tiradas há algumas idas semanas.

Mas pronto, são estes os meus clientes. Estes e aqueles que aproveitam para lá passar uma manhã na conversa, com um à-vontade total para abrir o jornal num dos balcões e lê-lo de fio a pavio, tendo sempre tempo para dar duas de letra. Devo realçar que são clientes bastante apurados e que o jornal lhes sai da mão novinho em folha, pronto a ser vendido como um primeira mão.

As tardes custam mais a passar: os alunos saem das aulas e preferem deixar as fotocópias para tirar numa qualquer manhã apressada; os outros já leram os jornais, as mulheres já lhes fizeram os almoços e, de tarde, depois de tomar o café com cheirinho, ficam umas quantas horas em frente ao tasco a fumar e a comentar o fim de semana futebolístico ou um qualquer programa televisivo a embarrar o pornográfico – disto eu não posso falar por causa da minha outra rotina. É por isso que as tardes custam mais a passar. Porque se começa a aproximar a hora de fechar esta rotina e iniciar a outra.

Fecho a porta às 19h30, às vezes mais tarde, para ver se adio um pouco mais o outro ram ram. Passo por casa para ver se à minha roliça e asseada mulher lhe apeteceu fazer algo para o jantar. Mudo roupa e pele e desencarno o “Dono de Papelaria”. (Será que os meus clientes continuariam a querer apertar-me a mão?)

Hoje combinei com os meus colegas – sim, aqui tenho colegas, na papelaria tenho-me a mim e ao decote da minha mulher –

virem apanhar-me a esta artéria à beira mar plantada. São oito e meia da noite, as pessoas já abandonaram a praia. Eles estão demorados... não tem mal. Está a ser bom rotinar as minhas rotinas, separá-las em dois mundos, contemplá-las ao mesmo tempo que admiro o advir do lusco fusco, hoje especialmente luminoso e a reflectir em mais do que um ponto do Atlântico.

Chegaram os meus colegas. Hoje vamos começar por esta rua. Cumpimentamo-nos ao de leve, as luvas são grossas. Assumo a minha posição no lado esquerdo traseiro do camião, já me seguro só com uma mão, é a rotina. Quando era chavalinho tinha uma inveja imensa dos putos que subiam para a parte de trás dos troleys e dos eléctricos e faziam as viagens à guna. Agora já não se vêem os miúdos em tamanha aventura. Deve ser porque já não existem troleys e os eléctricos são muito lavadinhos, só para turista ver (e usar). Não tem mal, faço eu. E as ruas lá vão ficando mais arejadas e asseadas, tal qual a minha mulher e a minha papelaria.

Dia sim dia sim, hora sim hora sim estou quase a conseguir comprar o trespasse da mercearia em frente à papelaria de que sou o dono.

Cobri-me com uma manta cor do pôr do sol que se fazia quando acordei. Pus as guitarras a tocar e o meu corpo respira por entender o ar que rodeia os meus órgãos.

Se as palavras faltam, dançamos no gesto e encontramos outro léxico.

A minha energia cansada revolve-me as vísceras para fazer mudar. Tenho o olhar gigante e as mãos fervilham.

O laranja vai transformando-se em rosa e as guitarras desenham com as gaivotas o céu nos meus monólogos intermináveis.

Só o gesto me sai.

Está frio e o degradé bem forte com nuvens fumadas no contorno é cor de amor (nós).

Saí.

Chovia miúda e sabia-me bem as gotas de água a escorrer na cara, sentia o vento do rio a subir e ansiava por ver água em bruto. Os pássaros ganhavam vida e desenhavam linhas dançantes no ar.

A minha liberdade começa no silêncio destes montes. O devaneio sem fim interrompe-se com a sobriedade das vinhas, do verde e das pedras do chão onde me quero deitar.

O som dos pássaros não pára e as estrelas do céu de ontem são milhares que desconhecia. Perdia a minha vida aqui a escolher agualela que pintasse este ar denso e puro.

Descanso o meu corpo ao sol e sou embalada a percorrer os montes, como o teu rosto queimado e, verde luz nos olhos tão meigos, como o conforto do fogo da cozinha que me alimentou o espírito.

A sincronia exalta-se e encontro ervas, curas no infinito deste horizonte D'ouro.

Entraria num sonho onde o olhar expande a comunicação e deixa as palavras semear a terra.

Todas as linhas se cruzam no invisível.

Sentei-me no meio da vinha baixa. O musgo cobre o chão de cacos de xisto e cristais.

Tão contorcida quanto os troncos que se alinham à minha frente na paz que aqui sinto.

Preferia sentir-me assim lúcida todos os dias, corro pelo ar e o arco íris que previa surgiu na viagem para a montanha.

Da montanha ao mar.

Junto ao rio devorei encontros não planeados e a vida tornou-se um sorriso.

À medida que o tempo ia passando crescia uma corrente dentro de mim, como aquela que olhava, como que mergulhada. E mergulhei no sonho, imaginava cenários surreais, e a luz dos reflexos da água desapareceu.

O caminho saía agora das minha mãos frias que semearam vento.

Foi assim que me aconcheguei no incógnito fenómeno que acontecia, a luz entrava por tudo num laranja quente luminoso de fim de tarde. E recordava os montes d'ourados envoltos em fumo de nuvem, onde só uma luz tinha nascido. A unidade corria rio abaixo e transformara-se em dois. E ali fiquei a ver o mar espelho.

Glória

Abrenúncio! Foi a única palavra que saiu do meio daquela tempestade de pensamentos que lhe passou pela cabeça sem que tenha, sequer, reparado. Convenhamos que, perante o que testemunhava, poucas pessoas teriam escolhido palavra melhor. Estava ali por acaso, não era seu hábito andar pela Foz, muito menos em dia de semana. Talvez, se ali trabalhasse, ganhasse um pouco mais. Mas não, os seus serviços eram prestados no outro extremo da cidade, uma pobre como mulher-a-dias de remediados, cinco euros à hora e já era bem bom. Claro que esta gente é rica e não é por andar a desbaratar dinheiro. Vai-se a ver e talvez até lhe pagassem menos, que a avareza, por vezes, parece proporcional ao tamanho da conta bancária. Ver o mar alimentava-lhe a alma mas não tirava a fome aos filhos. E já são dois. Para pior basta assim, antes a Areosa do que a Foz, pelo menos não há ricos, ou, se os há, sabem que têm que disfarçar, e toda a gente é honesta e os que não são não a tentam roubar a ela.

Tinha ido ali parar por acaso, é daquelas coisas que, às vezes,

nos passam pela cabeça, são ímpetos, palavra que Glória desconhecia mas que a tinha levado até à Foz. Acreditava que o mar a acalmava. E acreditando resulta. Achava que lhe iria esbater os medos, queria ver no romantismo do pôr do sol as avenidas da esperança. Meteu-se a caminho e só parou à beira mar. Tudo para aquilo. Para que o seu medo se transformasse em pânico, perante aquele cenário nunca dantes visto, e provavelmente também nunca depois, que não se pode garantir que exista amanhã quando coisas destas acontecem. Era como se quisessem que ela percebesse que todos os seus problemas, por muito profundos que sejam, são sempre brincadeiras de humanos aos olhos dos deuses.

Ao deitar-se, na noite anterior, já sabia que o companheiro a deixaria na manhã seguinte, que mais não é do que esta de que vos falo. Mas não queria admitir. Talvez tenha até conseguido dormir. De manhã, tudo se desmoronou definitivamente. O pequeno Manuel, pouco mais de meio ano de vida, arranjou maneira de se atirar abaixo do sofá, abriu o lábio inferior e deu início a um caos sangrento. Parecia adivinhar que o seu pai, também Manuel, se preparava para abandonar a mãe e voltar para a sua antiga mulher. Tinha aparecido, cerca de ano e meio antes, mais ou menos um ano depois de ela perder o marido, na perspectiva de ser o primeiro a conseguir comer a viúva do César, coisa de que se poderia gabar, mais tarde, quando uma disputa entre machos o tornasse necessário. Acabou por se prender um pouco mais. Às vezes chega a achar que gosta dela. Terá gostado. Quem sabe se não gosta dela, mesmo agora que a deixa. Era todo sorrisos, passeios, aventuras e prendas, saiu do ninho conjugal, juntou-se a ela, fez-lhe um filho e avisou-a, na noite passada, depois de fazerem amor e imediatamente antes de adormecer, que ia *voltar para casa*. Descobriu, anos antes, que Fernando, o seu filho mais velho, afinal não era geneticamente seu e terá decidido, também ele, procriar fora do casamento. Servida a vingança, equilibradas as contas, era hora de voltar.

Vá lá que só lhe bateu naquele dia. Não era como o falecido Cé-

sar, que lhe começou a bater ao fim de dois anos de casamento e só parou porque o álcool decidiu levá-lo a ele primeiro. Mas, naquele dia, já o dissemos, Manuel bateu-lhe. Bateu-lhe com força, apesar de ter sido ele o responsável pela queda do miúdo. Ou talvez por isso mesmo. E bateu-lhe outra vez ao dizer-lhe *É por estas merdas que estou farto de ti*, como se ela tivesse que adivinhar que merdas seriam essas e, pior, como se devesse já saber que ele estava farto dela. Pegou na criança, que se babava de choro e sangue, juntou-lhe as suas próprias lágrimas e o seu próprio sangue, tratou de si como pôde, um naco de algodão em cada narina, sempre deixava de pingar, apesar de não lhe tirar a dor. Logo se veria. Agora, havia que tratar do pequeno Manuel, não se cala, já vomitou de tanto berrar, o pobre.

Finalmente a ambulância, nem sabemos como teve ela tempo e discernimento para a chamar. Ele nem isso fez. Nunca fazia nada, o Manuel. *Ó Glória, olha a criança que está a chorar! Ó Glória, olha que ele está a cheirar mal! Ó amor, o que é hoje o jantar?* Nunca se mexeu para, com uma careta ou uma brincadeira, aliviar a necessidade de atenção do petiz. Nunca mudou uma fralda, nunca preparou uma refeição nem se preocupou com as compras - nem um daqueles petiscos que os maridos das amigas faziam, um churrasco, um chouriço no álcool, sei lá, qualquer coisa. Nada! A televisão era mais importante. A televisão era sempre mais importante. *Quase que era golo! Vê lá que este não sabia que Valongo pertence ao distrito do Porto. Espera aí, que está a dar a notícia do outro maluco que matou a família toda e depois se suicidou.*

As luzes da ambulância acalmaram o pequeno Manuel. A verdade é que a dor já lhe tinha passado havia tempo. Ficou, depois, apenas o desconforto de sentir frio numa parte do corpo onde não era costume e de ter o coração a palpitar perto das gengivas. Já só chorava por inércia, faltava-lhe uma distração maior do que esse sentir o seu corpo a regenerar-se. As luzes da ambulância serviram na perfeição. *Estava com ele ao colo e cáí... cáímos os*

dois, explicou ao enfermeiro. A senhora também devia ver isso do nariz, não lhe dói? Por acaso, não, mentiu Glória.

No hospital, foi tudo rápido. Mas há dores que só uma mãe pode explicar. Dores que, mesmo que breves, são maiores do que as do parto, aquelas de se ver um filho a ser cosido a um lábio enquanto tenta chorar, os esgares de quem pede socorro e aquele olhar final de desânimo, de quem nunca mais perdoa a mãe por lhe ter falhado naquele momento de aflição. *Não se preocupe que não lhe vai doer... não, não pode ser anestesia geral, ainda é muito bebé... mas damos-lhe uma anestesia local, um sprayzinho, e não lhe vai doer nada,* explicava o médico de serviço, *Vai sentir, mas não lhe vai doer.* Vai sentir mas não lhe vai doer... nem ela própria sabia bem a diferença entre sentir e doer, quanto mais o pequeno Manuel. Sabe lá o médico o que é doer. Sabe lá ele o que é um olhar de desilusão dum filho para uma mãe. Sabe lá o que é pegar num lábio, retirar-lhe sensibilidade, repuxá-lo, pôr-lhe fios e esperar que não doa a um ser com sete meses de existência. Sabe lá o médico o que é ser abandonada pelo companheiro, sovada, sabe lá o que é perceber que o filho já a odeia, sabe lá se lhe dói o nariz ou não. Nem ela sabe. Dói-lhe tudo. A cabeça, as pernas, o coração, o estômago, as costas. Dói-lhe a vida. Sabe lá ela bem se lhe dói o nariz. Mas o médico insistia. *Tem que lhe doer, veja lá isso tudo a ficar negro à volta, tem todo o aspecto de estar partido.* Radiografias para a frente, radiografias para trás e o facto é que o médico tinha razão. De alguma coisa tinha ele que saber.

Tinha que ser logo naquela dia. Era para ir para casa da D. Margarida, a única patroa que lhe paga quatro horas mesmo que ela só trabalhe três. E, assim, depois, à hora de almoço, ainda dava para lavar as escadas do prédio do senhor Afonso. Mas a manhã já se foi e, com ela, esses trinta euros. O pequeno Manuel, para além do mais, não podia ir para o infantário assim, ainda a habituar-se aos pontos e a precisar de medicação. Tinha que ir à Corujeira para o deixar na irmã e, dessa forma, poder, pelo menos, apro-

veitar para trabalhar a tarde. É verdade que está sem água nem electricidade e que não será dos sítios mais higiénicos para uma criança, mas, porra, é só uma tarde, não há de ser por aí que vem grande mal ao mundo.

Dez chamadas não atendidas. Dez. Nunca a filha mais velha lhe ligava e, agora, vejam lá, o telemóvel não deixava mentir. Cátia (10). O que é que ela queria? Tinha andado tão bem durante tanto tempo, lá a viver com a amiga no Marquês, ganhava dinheiro, podia comprar a roupa que queria, a amiga nem lhe levava nada por deixá-la viver com ela. Mas, desde que voltou para casa, tem sido uma desgraça, nunca está lá, voltou a enrolar-se com o Fernando, um pequeno aldrabão, tal pai tal filho, apesar de não ser bem filho, faltava-lhe a biologia mas sobrava-lhe o aculturação. E Glória só rezava para que o pequeno Manuel não ajudasse também a validar essa máxima. Devia ser isso. O Fernando meteu-se numa alhada e, agora, precisam de ajuda. *Espero que não seja para pedir dinheiro, que eu, hoje, já perdi trinta euros*, pensou. Mas talvez não seja dinheiro, talvez seja outra coisa qualquer que ela possa resolver e, assim, a Cátia até lhe ficava a dever um favor e teria que tomar conta do meio irmão durante a tarde, afinal até é meio irmão do Fernando também. Bem, mais ou menos. Mas sempre se poupa uma ida à Corujeira, pode ser que a Cátia fique com o miúdo até às oito e ainda dá para lavar as escadas do prédio do senhor Afonso ao início da noite. E, assim como assim, a criança até ficava em melhores mãos.

Ligou-lhe. Que não lhe podia dizer pelo telefone, que tinha mesmo que ser agora, que era fundamental que se encontrassem. *Não pode ser, só se me ficares com o pequeno Manuel durante a tarde, que eu já perdi que chegue para um dia... e tem que ser rápida, essa conversa.* Foi rápida. Duas palavras. *Estou grávida.* Ficaram ambas em silêncio, depois. Tomaram o café, Cátia deixou cinquenta cêntimos em cima da mesa, disse *Põe o resto por mim*, e saiu. Grávida.

Glória deixou de pensar. Queria morrer. Mas como podia ela morrer? Quem ia tratar do pequeno Manuel? E quem ia, agora, cuidar do seu neto? Pudesse ela morrer e morreria logo ali. Na verdade, não queria desaparecer para sempre. Era só um bocadinho de paz, uma espécie de recomeçar, experimentando uma vida diferente. Foi andando. Queria ver o mar, já há muito que não ia à praia, lembrava-se que as ondas a acalmavam, talvez pretendesse sentir-se pequena para diminuir, à escala, as suas preocupações. Parou muitas vezes. Não tinha o carrinho de bebé, ninguém se lembraria de tal na urgência dum lábio aberto, um nariz partido e uma ambulância à espera. O pequeno Manuel era pequeno, claro. E leve também. Mas, já se sabe, o peso aumenta com os passos, os gramas tornam-se quilos e Glória, de quando em vez, sentava-se, respirava fundo e descansava um pedaço antes de seguir. O miúdo estava bem. Divertia-se com a sua imagem nos espelhos que passavam. Os pontos davam-lhe um certo ar de gato que lhe agradava visivelmente. Ela sorria ao ver o filho sorrir, essa capacidade de utilizar a alegria doutro ser para se alegrar a si própria.

Já sentia o cheiro a maresia. Baixou os olhos. Queria ver o mar todo duma só vez, não um naco aqui, pelo meio duns prédios, ou uma nesga acolá, por cima duma árvore. Só levantaria o rosto ao atravessar a última rua antes da praia. Os sorrisos do pequeno Manuel, o odor a algas trazido pela brisa fizeram-lhe tão bem que até já a luminosidade lhe parecia diferente, mais intensa. Levantou a a cara, olhou o horizonte e petrificou. *Abrenúncio!*

O dia

O dia começa sem nada. Vêem-se as pedras secas dos sonhos, a barriga vazia. Ela acorda com a luz e aquela estranha dor de pernas. Mal sabe caminhar... sim, consegue.

Necessidade

Sabes da necessidade do levantar para o lado de cá. Mas nunca imaginaste o dia claro e quente que arrombasse assim as portas da prisão. O gelo derrete hoje - ela viu. Nem foi preciso desperdador para nada.

O gesto

À janela entendeu: sou actriz. Não porque finja, mas porque agora tudo pode ser verdade outra vez. O meu gesto novo. As pernas nas calças. A minha boca afinal não está cansada. As canções que se tinham fechado na sala, tapete vermelho, saem à rua. Fazem sentido até no silêncio.

Cinema

O sopro da fita do filme - o ruído fundamental que havia na vida dela. E ficou nisto um bom bocado.

Útil

Perdeu-se o chamamento da ordem, hoje podia não haver escola. Ela foi trabalhar na mesma, mas a gente achava que tinha força. Que era possível. Era um dia útil, quase inteiro: é tão raro.

Fome

Tiveste fome e foste comer uma coisa rápida. Então e o resto, não vai? Estava bom, mas era demais. Hoje queria muito ser leve, ligeirinha dar uma mão na batalha.

Aprender a ser livre

Estivemos horas a conversar sobre como fazer, talvez tenhamos perdido demasiado tempo, mas era preciso. As pessoas não estão habituadas a isto. Parece que é difícil aprender a ser livre.

Duas vezes

Foi nesse momento que aconteceu. Começámos a fazer tudo, gente abrindo, chegavam boas notícias do lado de lá. Não me lembro de entusiasmo assim, acho que nunca. Tu pegavas nas ferramentas com a leveza de uma criança distraída. Ela ria, sim, ela ria um riso inaudito.

Cuidado que se parte

O entusiasmo não deixava fazer nada errado. Todos os erros (só muito mais tarde percebemos que o eram) foram partidas pregadas ao futuro. Mas a intensidade não deixava abrandar. Esqueceu-se das pernas, o cansaço dava ainda mais energia ao movimento do mundo. Vinha de trás.

Cheiro a comida

Estranhos horários do dia. Ou exactamente os mesmos, mas ao contrário. Claro que foram as mulheres que fizeram quase tudo. Eles falam muito alto, que chatinhos.

Hoje

Não posso dormir cedo hoje, não posso. Temos de viver o dia todo, todo. Beber, temos de festejar isto. Amanhã é amanhã. Sim, isto ninguém nos tira, isto são os braços que pensam, o fim prático dos deuses. Falta tanto ainda... Mas este dia partiu a vida dela em dois. Hoje, hoje mesmo.

As árvores também dançam...

... ninguém nos disse, vimo-lo numa daquelas noites de luar imenso que, projectado no rio, desenha as paisagens dos sonhadores. Sonhámos juntos, porque um sonho sem partilha não entra na terra da magia.

A verdade é que esta estória começa bem antes daquela árvore que dançava para nós e nos convidava a dançar com ela. Não o fizemos, ainda. Creio que o momento foi de tal maneira surreal que nos colocámos na posição de meros espectadores, deslumbrados, um pouco diminuídos na grandeza da acção. Afinal, tratava-se de uma imponente espécie arbórea, seguramente maior que os gigantes dos nossos sonhos de crianças, que dançava para nós com uma suavidade semelhante ao arco lunar dessa noite.

Mas estávamos nós a dizer que isto começou bem antes desta dança, num dia igual a este, os sonhos têm esta característica, podemos reproduzir um dia eternamente. Bem, na verdade era de noite, tanto o momento onde esta estória realmente começa, como o momento da árvore dançarina. Porventura, nem foi nessa noite, que aqui referimos como o momento inicial, que esta estória começou. Mas os sonhos têm esta particularidade, não se sabe muito bem quando começam e quando acabam, misturam-se com a realidade. Ou será que a realidade só o é com o que sonhamos? Será possível viver sem sonhar?

Regressemos então a um passado recente, certamente mais recente que a origem de tudo, àquele dia, que era noite, e que foi a primeira de todas as outras noites, de todos os outros dias.

A noite em que dois duendes se escapuliram do convívio social a pezinho de lã (esse socializar, que passava já ao lado, pois numa sala cheia, viamo-nos apenas um ao outro). Era a ânsia que nos roía o estômago e as borboletas que passeavam por todo o corpo.

Viajámos pelas horas e pelas ruas. Encontrámos o vento que nos despenteava o jeito, como se descobrisse tudo o que não se revela aos olhos.

Do alto, vimos a lua, presença assídua em todas as viagens, e as estrelas e o rio e os telhados e as janelas e as luzes.

Caminhámos ruas antigas, com histórias nas pedras. Descobrimos trilhos e... luzes automáticas! Casas e casinhas, escadas e ilhas. E, entre tentativas de regressar aos tempos primários (ou somente por força da natureza), trouxe ela um sapato mal-cheiroso e perdeu um maço de tabaco à frente da igreja.

E entre risos, sorrisos, gargalhadas e bochechas coradas, viemos por ali abaixo até deixarmos que a margem do rio nos conduzisse. A lua via-se ao espelho e iluminava-nos o caminho, até que um banco nos sentou no jardim, em frente ao charco.

Os ramos entrecruzados das árvores acima de nós formavam teias tão diversas e irregulares como as nossas conversas, e foram conversa aquando do tema da teoria do caos. No banco ainda descansam as beatas dos cigarros que conversámos.

Não satisfeito o sopro das nossas ânsias, fomos da foz ao mar. Combatemos o zéfiro furioso e sentámo-nos no pico dos picos, na ponta das pontas, quase como se tocássemos o mar agitado. Foi a tempestade que nos abraçou e que, abraçados, admirámos. Uma força que se respirou, e que nos trouxe areia aos lábios. Ape-tecia o beijo, mas foi como se fosse, ou talvez mais do que isso. Talvez o beijo tenha lá estado sempre, embalado num raio da lua que se desprende de todos os outros, de forma ordenadamente caótica. Foi do caos que se criou. É do caos que se cria.

De repente, o que nos iluminou foi a luz irreal dos candeeiros da cidade. Já não corremos com a lua ao lado, o vento com sabor a mar virou-nos as costas, só nos resta um trago salgado a envolver-nos as bocas, perdidas no ínfimo espaço que nos separa os olhares. Encurtámos essa distância com o toque delicado de dois dedos e com os lábios moribundos tentando sorrir a esquecer a saudade. Naquele instante quisemos ser Selene e Endymion e não acordar, nunca mais, na dimensão do tempo.

Queríamos o fim do tempo mas estávamos ainda no início de um todo. Faltava tanta coisa para partilhar. Faltavam as sombras de cada um de nós, no outro. Faltava percorrer a cidade com as nossas sombras coladas na história das calçadas e das casas, desenhando texturas nas esquinas afiadas da urbe que nos segue, desconfiada pela força do que partilhamos. Faltava banharmos nos braços longos das radiações electromagnéticas, na luz visível, nos infravermelhos, nos ultravioletas que foram o início, este sim, o verdadeiro início de tudo e, por conseguinte, também desta estória, mesmo que esta mesma estória tenha começado, achamos nós, numa noite. Faltava sorrir em conjunto para o sol.

Naquela manhã, a cidade tinha o brilho da luz difusa que a caracteriza tão bem. Uma ténue neblina branca cobria-a como um manto. Os odores do mercado chegavam de forma caótica e densa, condimentados com os pregões peculiares das mulheres disfarçadas de terra... Ó filho, anda cá "ber" estes agriões rijinhos...

Algumas das personagens, de um passado não tão distante como o futuro que queremos, ainda permaneciam invictas ao tempo, ao espaço e a todas as dimensões incomensuráveis do humano. Entrei momentaneamente no corpo do homem que se equilibra em dois paus, bem maiores que os braços que os carregam, e que já era objecto da minha paisagem de menino.

Mesmo em frente, um pintor de rua contou-me toda a sua história à medida que dependurava os seus quadros na parede negra de uma casa devoluta.

Percebia-se que o tempo contava os momentos de um início de dia igual aos outros, nos outros. Porque, em nós, o dia seria diferente de todos os outros, muito semelhante à noite onde toda esta estória começou, dizemo-lo nós sem certezas.

No meio de uma massa desfocada de gente, ela surgiu espreitada e enérgica. Vinha com aquele ar de menina rapaz, esbaforida pelo tempo que faltava percorrer na tentativa de encurtar o espaço que nos separava, ainda.

A verdade é que até hoje, e também nesse dia, nunca conseguimos evitar a existência de um espaço entre nós, impossível de anular. É o Paradoxo de Zeno feito prática...esperemos pela dimensão tempo, a única que, e por ser em si mesma uma progressão geométrica, será capaz de o anular.

Seguimos juntos, de encontro ao sol. Na direcção do Este. As nossas sombras seguiam-nos discretamente, atrás, deixando um rasto comprido pelo passeio, daqueles que são peça única desta cidade, uma quadrícula regular sob uma tela de cimento. São ideais para, colorindo de preto numa sequência interrompida por um quadrado, criar um tabuleiro de xadrez gigante. Não é que esse jogo já não se passe todos os dias nesse virtual tabuleiro, peões, bispos, reis e rainhas cruzam-se caoticamente sem noção de regras nos seus movimentos. Será que, de repente, cumpririam as regras do xadrez se o passeio representasse um verdadeiro tabuleiro?... traz-me um balde de tinta preta e um pincel!

Uma mancha enorme de árvores chamava-nos, gritando com o silêncio da folhagem. Não hesitámos. Gigantes plátanos, eucaliptos e carvalhos cobriam-nos de sombra verde num convite para desfrutar, de cima, numa posição privilegiada, um abraço imenso às águas de um rio que se diz de ouro. Tem o seu brilho.

Semeadas pelos caminhos pintados de folhas, sorriam para nós dezenas de fontes de água que outrora matavam a sede dos tripeiros. Alguma alma securitária decidiu guardá-las dos olhos distraídos das gentes.

A conversa corria como a água, sem um caminho devidamente definido, simplesmente fluía numa lógica libertária. Tem sido sempre assim. Confiamos no acaso do aleatório. É por aí que embalamos os nossos corpos, o sorriso conjunto que desenhamos no nosso olhar. Não foram ainda inventadas palavras capazes de

ser ditas num estado tão aleatório como a vontade que nos alimenta o estar juntos.

Naquela hora, não vimos nenhum animal humano. Quer dizer, não temos propriamente certeza disso. Porque também não temos a certeza de viver realmente estes momentos. Tudo se assemelha demasiado a um sonho imenso, imenso na luz que irradia e que nos cega de ver tudo à volta.

Seguimos, vivos, para o cemitério vizinho.

Interessante como a morte não é anónima. O que queremos realmente dizer é que até na morte se mantém a sociedade de classes que os vivos, e em vida, insistem em fazer de conta que não existe. Percebemos que há bairros, condomínios fechados e palácios, moradas de mortos para os vivos... é a luta de classes na morte, pá!

Cruzamos a alameda mortífera até ao muro que impede a morte de chegar ao rio, aquele que é cinzento de ouro e que será o nosso guia durante todo o dia. Ele e a margem do outro lado, aquela que, um dia, iremos percorrer como dois miúdos, saudosos de borrar as roupas de terra húmida.

E por acaso, ou talvez não, porque acreditamos que juntos fazemos do acaso uma certeza prévia, estávamos perante o cenário de "Aniki Bóbó", éramos afinal os miúdos que nunca deixámos de ser. Colavam-se nas nossas faces os ventos e os cheiros que rodopiavam juntos há setenta anos, neste mesmo sítio, varanda rendada que parece querer afogar-se no rio como quem procura dele fazer parte.

Também nós rodopiámos e saltámos e brincámos com as personagens da vida que foram peças de gente no filme... nenhum de nós caiu na linha do comboio que recorta esta margem e que traz nos vapores de movimento o mistério de um Douro em tons de vinhas.

A ele, deu-lhe a fome de catraio. Era imperativo encontrar um tascó. Subimos e, desta vez, ao contrário do que costumam fazer os santos, com a ajuda de S. Vítor, santo que dá nome a esta rampa e que, apesar do deslocamento que efectuámos, de facto desce, porque é para baixo que a paisagem engrandece.

Foi um ensopado de bacalhau que nos convidou a sentar à mesa. Ele partilhou com ela uma batata, e ainda outra batata, acompanhada, desta vez, de uma pequena lasca que lhe conferia assim um ar de gourmet. Rimos. Rimos outra vez. E outra vez. É assim que nos abraçamos sempre que somos espelho um do outro.

Saímos apressados porque queríamos percorrer o espaço inteiro sem gastar o tempo todo.

E foi em passo de mágica que corremos todo o bairro da pequena fonte. Nada pequeno por sinal. Porque compridas são as suas vielas e escadas, que não são fronteiras, mas linhas da rede que ligam as vidas de quem nele habita. É impossível não nos rendermos à ternura dos habitantes que, sentados na soleira da porta, nos recebem com um sorriso cúmplice de partilha e afecto. Os putos olham de esquelha a convidar para a brincadeira. E nós sorrimos para eles.

Já se pressentia que, afinal, não tínhamos tido a capacidade de despistar o tempo, esse rapazito irrequieto que sempre nos lembra do amanhã. Mas também pressentimos que o rio que nos banhou todo o caminho, nos chamava para um abraço. Era preciso chegar perto, sem pisar o solo mole, de água, com os pés, porque um abraço é sempre dado com os braços que o desenham.

Foi de mãos dadas, como uma teia de aranha, que corremos para a igreja, clara de luz e santa de nome, que tem como vizinha das traseiras uma torre de muralha feita pelo sr. Fernando, a quem alguns chamavam de dom, talvez por ter feito sozinho tamanha obra arquitectónica. É o que dizem. Até lhe puseram o nome de fernandina, à muralha.

Finalmente fintámos o tempo. Já estava oficialmente fechada a igreja e, portanto, também o caminho para chegar à torre, única forma para se chegar ao meio do rio sem molhar nada que devesse permancer seco. A verdade, não a oficial, que é aquela que aparece nos livros e que é utilizada na injustiça dos tribunais - há algum tribunal justo? -, mas a nossa, é que só com o olhar, o nosso, comunhão dos dois olhares que somos, chegámos ao

intímo do homem que, qual soldado do antigamente, guardava o castelo altaneiro do reinado que nunca será dele... “vá, se for rápido podem ir”... e, de repente, ali reinou sobre o mundo que não era do seu reino.

Corremos atrás do tempo que ainda tínhamos. Agarrámo-nos ao vento que nos despenteava os sorrisos e voámos até ao abraço que o rio nos pedia. Naquela torre, toda a cidade, banhada de dourado, se oferecia à nossa paixão.

Sorrimos em forma de beijo apaixonado. Um beijo gigante para que coubesse nele a cidade inteira. Aquela cidade que nos convidava a continuar a descoberta de si, em nós. Porque é um facto que temos uma tendência para desprezar o que achamos que conhecemos. E sendo esta cidade nossa, nossa na memória do que crescemos nela, cometemos esse desprezo com a desatenção dos olhos. Parece que só quando esses olhos, de repente, se reflectem em outros olhos que por eles se apaixonam, é possível despir a cidade dos trapos com que a vestimos e descobri-la de novo, nua. Nunca tínhamos visto a cidade com esta cor. Um amarelo torrado, imenso, quase irrespirável, tingia-a toda. O cinzento habitual escondeu-se nas fendas dos muros. Na foz do rio que a nós se abraçava, ainda, ali onde o mar lhe salga as águas, estava pintada no céu a saudade daquilo que ainda não vivemos, juntos.

Como dois corvos amantes, voámos de encontro a ela, passando tangentes acrobáticas sobre as águas. Calmas. Fundas. Um vento quente afagava-nos as faces rosadas e despenteava-nos as ideias.

Foi na sombra de um carvalho que aterrámos, ancorado nas ondas desse mar que é morada final de homens e mulheres que nunca souberam o que era um beijo doce, pois o que evapora é a água e não o sal. Monstruoso. As suas raízes pareciam a continuação dos braços de Oceano, os seus ramos, os cabelos de Tétis e todas as folhas, as três mil Oceânides.

De mãos dadas, não era possível agarrá-lo pelos braços, junto ao peito. Deslargámos as mãos, lentamente, como se ainda nos mantivéssemos ligados por uma qualquer energia capaz de anular o espaço, sempre o espaço, que parecia aumentar entre nós,

na tentativa de pegar ao colo aquela árvore que, não dançando, ainda, nos convidava a ser parte dela.

Ao tocarmos numa pequena parte de alguma coisa, de alguém, não estaremos a tocar no todo que a constitui? Acreditamos que sim, porque nos sentimos parte do todo que somos, juntos, mesmo que nunca consigamos anular aquele espaço que permanece sempre entre nós.

Sentámo-nos, encostados um ao outro, costas com costas, protegidos pelo carvalho que era agora parte de nós. As nossas paisagens eram o oposto uma da outra. Como o norte está para o sul e o este para o oeste. Permanecemos nessa posição, com o olhar fixo nos horizontes opostos de cada um, ancorados naquela terra salgada que é berço da paixão que vivemos. Até ser noite.

Ambos vimos o pôr do sol. Não o sonhámos.

Dois

duas horas por autoestrada são
duas horas mais um
par de minutos para além de
duas dezenas uma portagem
outra portagem a curva a curva
seguinte esta cidade
aquela cidade
duas águas um pé e o
outro pé tu também
casal
cada um com
duas mãos
dois polegares indicadores olhos um para
cada estrela

Lopes

Estranharás sempre o sorriso daquela que faz com que alguém te grite, todos os dias, “um carioca, Lopes!”, da outra ponta do balcão. Muitas caras, mil vezes: “um carioca, Lopes!”. Outra segunda-feira eficiente, sem amabilidade; porque os anos de serviço são um posto; porque o hábito chega-te e quem vem lá não te interessa.

Fechas a porta. És o último a sair, sem sacrifício. É assim há tanto tempo e sabemos lá nós – os de hoje - o que é o sacrifício de um dia.

Diz-me, Lopes, o que é que ouves ao encerrares, a passo dobrado, cada segunda-feira? Parece esgotar-se o estrilho da máquina dos cafés e dos pingos, dos galões e dos cariocas e de todas as possibilidades mais no que restou da cidade: um punho cerrado de micas; uma outra mão, dormente, enlaçada na fatalidade desta

correnteza sem leito. Fintas o retumbar das nossas cabeças em saldo, dispersas, opacas, que para as imensas incertezas haverá agora, e sempre, uma morna virtualidade; o antídoto para afrontares a miséria que te pisa rua abaixo (que importa, afinal, quando ela parece nunca ser nossa); o atalho fácil de onde avistamos o mundo do lado de lá.

Não te deixas distrair. Largas, sim, o rio nas costas – como quem finge abandonar o caminho – e chegas à Foz; ali, onde vamos ficando aos poucos mais moucos ao miar dos gatos de Eugénio, que a poesia é para quando se pode.

Esperas depois o autocarro que te leva do desvio ao mar. São sempre mais dez minutos. E enquanto aguardas, é hora; agora – como em todas as segundas-feiras – passas a ser todo azul; nos sapatos, nas mãos, no cigarro; entras, enfim, num cenário sem volumetrias. És azul, como o molhe; como o casario que perdeu as esquinas; como o castigo do gigante no Farol de Felgueiras. E preenche-te o conforto do que não é excepcional.

Mas, Lopes, o que vês hoje, mais adiante, quando te encostas nessa balaustrada? O que vês? Falas sempre tão baixinho. Que o azul dividiu este incêndio em dois borralhos? E diz-me, Lopes – que tenho urgência -, não é sempre de pavor e liberdade uma escolha, quando a vida nos visita?

A luz pelos buracos dos estores, das persianas. Pinceladas amarelas nas paredes, no tecto.

Não poder escrever. Não poder escrever, pensava. O que era preciso para escrever? Para além das ideias, do saber escrever palavras, de elas bailarem entre os olhos, por trás do nariz. Para além disso, o espaço, a superfície, a mesa, a tábua, a pedra, o joelho, o suporte da inscrição, a pele, o papel, o écran, a areia, o instrumento, a caneta, as teclas, a luz. E estes sons.

O tempo. O tempo para escrever. O tempo para escrever tinha tempo-tempo, mas não era exactamente igual ao tempo-tempo. O tempo para escrever tinha de ter aquele espaço.

A luz era bela naquela cidade. Assim pela fresca a cabeça também ficava muito fresca. Ideias claras de contornos nítidos. Ganas de escrever. Mas adormecia outra vez. Sonhava que eu era tu e estava a trabalhar. A monotonia do monitor, o teco-teco das teclas, os óculos frente aos olhos. De repente...

Sinto-me criativa, ai, ui, sinto-me a saltar de repente, ai, ui, oh que tão criativa que eu estou, que agora nem me apetece copiar para um novo documento as centenas de números, a azul e a ver-

melho, da folha de movimentos de caixa de dois mil e doze. Ai, ui, que eu vou ter de dar azo primeiro a esta terrífica inspiração, transformando-a em flores de novos objectos e de novas ideias. E só depois poderei trabalhar.

Desculpas.

Quando se está no outro lado, pensa-se que o telefone quando toca é atendido do outro lado. E depois pensa-se que quando se está do outro lado se costuma pensar que o telefone quando toca é atendido deste. Não se atende, porque já passou o tempo.

Desculpas.

A lagarta da Alice podia aparecer e falava ao telefone.

Era uma vez uma palavra que, assim que nascia, pedia logo ritmo e som, pedia logo para estar numa linha de palavras e ser dita em voz alta. Como ela, havia muitas outras.

Virava-me para o outro lado, esticava um pé, encolhia uma mão, por causa do calor ou do frio. Talvez me agarrasse à outra almofada.

A escritora era actriz mas achava que teatro só podia ser uma coisa. Palavras que se entendem, massagens de raciocínios no cérebro, os gestos certos para a coisa, poucas cores de cada vez. E nada de confusões entre teatro e religião, teatro e rituais, teatro e misticismo, teatro e alucinações. O teatro precisava da queda de todas as quartas paredes. Ele achava que a vida também. Ela nunca tinha pensado nisso assim.

Agora a lagarta outra vez. Dizia que ia enviar um *clip* pelo fio do telefone. Pois. Para vir a ser um artista era preciso beber muito leite mas não gostar de muita manteiga duma vez – percebia agora. E assim saltitava de sonho em sonho.

Os sonhos não são pensamentos, são sensações. Mas são sensações tão fortes que às vezes temos mesmo de traduzi-los por palavras concretas e dar-lhes forma de conversas e raciocínios, e narrativas com ordem cronológica, e imagens cheias de pormenores. Claro que depois acordamos e nada faz sentido. Porque as palavras não nos servem completamente para os sentidos todos dos sonhos.

Depois veio o pesadelo. De que não consigo falar.

Acordar tinha sido um pavor. Esfregava-se os olhos e não passava. Dentro da cabeça, lá por trás dos olhos, uma engrenagem infernal e barulhenta. Não se digeriam as imagens do sonho mau. Tu dormias e eras a mesma. Serias? Serias a mesma que ainda tinha aqui nos ouvidos a rir, e a gritar, e a entregar os lábios todos a uma bruxa qualquer?

Comer hoje era uma necessidade ou uma rotina, não uma fome ou um prazer. Se me tentasse lembrar do que tinha esfregado no pão, não sabia se era manteiga de vaca ou de amendoim.

Não eras a mesma, não podias ser, era tudo tão real ali e as pessoas, as pessoas não sonham as coisas só assim porque sim. Perdiste ontem à noite.

Para ser mais ou menos seguro sair de casa, já vive connosco uma lenga-lenga: chaves, dinheiro, telemóvel, isqueiro. Deixar comida ao bicho, claro. O bicho sabia tudo e fingia que não sabia nada. Era como certos astros, pouco transparentes, que nos devolvem a luz que lhes mandamos para os ver melhor, em vez de se darem a conhecer. O bicho é que reparava nas coisas todas, naquelas coisas que são impensáveis e indizíveis. O passo nervoso a entrar e a sair da casa-de-banho, o gesto bruto a mexer nos electrodomésticos e quase a rachar a loiça. Que se passaria com o bípede?

A luz na rua é demais, fere. Porque é que não trouxe óculos escuros?, porque é que não tenho óculos escuros?, porque é que não sei usar óculos escuros? Estou outra vez sozinho, merda. Um café. Num café onde não conheça ninguém. Não falem comigo.

Em dois minutos, outra vez a rua. Em direcção ao trabalho, como tanta gente. Andar ajuda a pensar ou complica? A caneta na mão ajuda a pensar. Mas nunca tenho o tempo-espaço para a caneta na mão. De vez em quando acontece-me ter de andar. Entre a casa e o trabalho, por exemplo. Como tanta gente. O ritmo do passo, os cenários a passar, o vento nos olhos, as coisas. Ajuda a pensar ou complica?

Enxurrada.

Agora posso experimentar escolher palavras para o que se passou.

Esfregava-se os olhos e não passava a enxurrada. De imagens, de gritos, de sorrisos ameaçadores, o drama, o horror. Esfregava-se os olhos e não passava aquela clara certeza do fim, do chão que se apagou, da queda do Ícaro sem rede, do sonho acabado, do rasgão doloroso de ter perdido tudo, de um dia para o outro, numa manhã.

Já nada do que possas dizer-me me pode tirar deste buraco. Nunca mais.

Não gosto especialmente do meu trabalho, não é o que quero do mundo, não sei dar-lhe amor. Mas sei fazê-lo. No *placard* tenho espetado, desde o primeiro dia: "O trabalho aliena". Hoje pelo meio aparece-me a tua voz, a tua cara, e sempre as bruxas a estenderem-te os lábios. Vem-me gás pimenta aos olhos e nem há polícia por perto. Ao telefone com o cliente Trincão, estávamos

outra vez na tua terra, no primeiro dia, e tu a dizeres com aquela voz de sereia e os olhos fundos de mergulharem nos meus: não te largo mais.

Não te largo mais? Descaramento! Eu sei muito bem dos risos, do álcool, das bruxas, das tuas mentiras... E de toda a gente que se ri de mim, porque toda a gente sabe o que se passa e se ri de mim. Ah... querer desaparecer. Querer desligar o telefone ao Trincão com toda a força.

Ao almoço finge-se um sorriso. Mas sabe-se que os outros são bichos, só podem ser bichos que tudo entendem. Porque de facto o sorriso não deve ter passado da intenção para os lábios. Fala-se do tempo e da crise e do sem-abrigo Ulrich. Comer hoje era uma necessidade ou uma rotina, não uma fome ou um prazer.

As cinco maneiras vieram-me à cabeça, à hora do café. Arsénico, a melhor, mas difícil de arranjar. Restava o monóxido de carbono, o éter, cortar os pulsos, e havia outra, a quinta, não me consigo lembrar, merda.

Exagero.

Agora posso experimentar escolher palavras para o que se passou.

Tentava-se raciocinar, ser razoável, e não se ia embora o exagero. Era tudo real, ao vivo e a cores, as imagens, os gritos, sorrisos ameaçadores, o drama, o horror. O Albarran a sair da TV e a apertar-me a mão. A clara certeza do fim, do chão que se tornou buraco, a queda do Ícaro, o sonho acabado, o rasgão doloroso de ter perdido tudo, de um dia para o outro, numa manhã. Como um despejo. O dia de ontem era agora um sonho ridículo.

Tu és inteligente, pá, e vives sempre alerta, já não acreditas em tudo. Já não acreditas em quase nada, aliás. Como foste cair re-

dondo neste engodo? Já sabes que o que faz bem nunca é verdade e o que é bom faz sempre mal. Já a tua avó te dizia.

Não sei fazer nada sem me entregar todo. Não nasci para vendedor de banha da cobra. Nem para viver com barreiras de segurança à volta, por mim próprio forjadas. Não sei fazer nada sem me entregar todo. E de repente não sabia de forças nenhuma para recomeçar qualquer coisa, ou continuar os passos. Lembrei-me dos teus cabelos emaranhados, cheios de nós.

Receber notícias tuas às três da tarde. Já não saber como encaixar isso no emaranhado.

queria ir ter contigo
queria tanto
agora sair daqui e ir jantar contigo
e ver o rio
um dos rios
podia ser um ou outro

Respondo também a começar por letra minúscula mas a acabar num ponto final.

Aqui e aí escrever palavras pode ser tão rápido, e carregar num send ainda mais. Esquecemo-nos sempre do anexo ou de assinar. A maior parte das vezes esquecemo-nos de responder à pergunta. Ou respondemos quando ainda não temos a resposta. Às vezes vai em branco. Sem conteúdo nem forma. Só com um cabeçalho pré-formatado a atestar que foi feito um envio.

Ainda te envio coisas porque ainda tenho a cabeça a arder com esta noite que tudo disse e ainda não achei nenhum caminho para um qualquer *locus amoenus*. Não acho que exista.

Ainda vou apanhar esta camioneta, que vai ser a última. Chego a acariciar o bilhete, num misto de raiva e vergonha. Por ter acreditado apesar de ser vacinado.

Se calhar afinal aquilo era um sonho. Já sou crescido e tenho de separar os pesadelos da realidade. Os risos eram só do pesadelo, a traição só da minha cabeça. Quero fechar-te, pôr-te num frasco, só te vejo a escorregar como azeite. Inapanhável. Não saberei, não saberia nunca lidar com isto. Tu és livre e eu não. Eu sou feio, feio, e tu deves ter descoberto isso agora. Ontem à noite.

Sim, encontremo-nos num rio. No teu, que ora doura ora neblina.

Prontos para dizer as últimas letras. Tu não sei. Eu pronto. As árvores são mãos desesperadas a sair da terra. A terra está seca e já não alimenta, só conquistam o mundo as baratas. Esse rio também é só lodo escuro, argamassa. E este barulho infernal do motor a cem à hora. E este barulho infernal de violinos arranhados ultra-românticos, com passos épicos ou catastróficos de orquestras frias de Berlim. Sinto-me os olhos raiados de vermelho e não é comunismo. O fel sai do estômago, espalha-se pelas paredes todas do corpo. Não vou saber olhar-te. Mas cheguei e aproximo-me do ponto de encontro no rio.

Sentado na pedra nua de sol, três homens passam e fixo-me nos três tons de verde das suas camisolas. Reconheço-os. São os verdes das canetas de feltro que organizava no estojo quando andava na escola. O verde claro, o verde marinho, o verde seco. Ou verde tropa.

Às vezes os vultos da visão periférica, essas nódoas de cores em movimento, parecem-nos logo familiares. Reconhecemo-los. Por exemplo enquanto de cabeça baixa, sem papel e caneta, à espera do metro, escrevemos poemas no telemóvel.

Tu não estás. Que estás atrasada. Mas não, não é nada disso. Tu não queres estar. Estás a rir-te noutra esquina, com outros risos de pessoas simples. Sim, que eu ouvi os teus risos, saboreei o teu desprezo, já sei de tudo. Agora só quero que me largues, me dei-

xes voltar à pacatez da minha vida desinteressante. Sai, deixa-me, larga-me. O que é que estou aqui a fazer?, porque é que eu vim?

Pinga de sangue na pedra nua de sol.

E foi ao levantar o nariz em sangue que vi aquilo.

Aquilo não cabe nas regras e nas leis mas a minha cabeça, eu ainda tenho uma cabeça, a minha cabeça tem de encontrar justificações.

Porque me encheste os sonhos da noite passada, porque entornada de vinho te infiltraste em éter pelos meus poros, a cuspir-me. E dos meus olhos turvos nascia aquilo. Aquilo. O impensável, o impossível, a destruição de todas as noções dos livros, das colunas dóricas do que somos e comanda os milímetros todos dos gestos. Desfocar, duplicar.

Mas baixo os olhos para o espaço habitado pelos humanos e vejo que os humanos também vêem aquilo. Também param, boquiabertos. Todos os personagens deste livro a chegar à foz. Vários estão a gritar. Um estado de sítio ruidoso. Virados para o mesmo lado, incrédulos. Mas gritam. Uns caem ao chão. Arrancam os cabelos. Eu anestesiado, mudo, sem reacção.

Só muitas batidas depois é que me veio a falta de ar. Quando o corpo, ao entender que desentendia, procurou forças para aquilo – e já não tinha nenhuma. Gastas as emoções, gasta a dor funda que atira alto e afunda, gasto o fio d'ouro da surpresa, gasta a vontade, gastos os olhos de encontrar o bom no belo e o estranho no rotineiro, gastas as forças de levantar joelhos com a certeza do caminho, gasto o grito e o arrepio do estômago ao cabelo, gasto o fel todo de dar voltas a queimar. Não era dos olhos turvos. Aquilo estava mesmo ali. E já não se podia experimentar um choque.

Eu não seduzi, eu só dancei. Eu só me ri, não me ri de ti. Desculpas, tudo desculpas.

Tu vens em sentido contrário. És a única que não vê aquilo. Olhas para mim e só para mim, vens a sorrir, abraças-me. Estás a sangrar? É do sol? Sonhei com a lagarta da Alice a falar ao telefone, respondo. Respondo também a começar por letra minúscula mas não consigo acabar com um ponto final. Desarmado. A lagarta da Alice não fala ao telefone, tonto. A lagarta da Alice fuma um daqueles cachimbos grandes, daqueles que têm um tubo, sabes?

Agora é a melhor parte da ópera, que é quando os músicos afinam os instrumentos, para saírem do fosso. Acordes dissonantes e arritmias. Temos os dois duas sombras. Cada um duas sombras. E entretanto, tão rápido, já somos só um. Com duas sombras. A tua mão tão quente. Nem reparaste naquilo e entretanto anoiteceu.

Snooze. Quantas vezes posso carregar no snooze e mesmo assim chegar a horas ao trabalho? Não consigo fazer as contas agora, estou demasiado cansada. Que coisa esta de se acordar cansada e com vontade de existir noutros mundos (mas não neste).

Ninguém a quem dizer bom dia... Há o gato, que é macio e simpático, morde-me sempre pela manhã. Deve gostar da carne tenrinha e quente de quem acaba de acordar e não consegue sequer reagir ao ataque madrugador.

Mais um snooze. De certeza que consigo chegar a horas, apresso-me mais um pouco no banho, não demoro tanto tempo em frente ao aquecedor, em vez de comer o pão com o café, peço ao ToZé para embrulhar. Sim, de certeza que dá para mais um snooze.

Merda! Já é tarde.

Andar 15 minutos até ao trabalho não é suficiente. Ainda bem que o elevador tem espelho, sete andares dá tempo para garantir que ao olhar para o reflexo daquela cara ensonada, exausta e farta, consigo fingir que tenho outra.

Mais um dia em frente ao computador “a gerar riqueza”, diz-se.

Gostava de saber que riqueza gero e para quem. Para mim não há-de ser, que acordo sempre com esta vontade de dormir, de estar noutro corpo, noutra cama, debaixo de outro sol. Acordo com vontade de ter vontades. Como não consigo, pelo menos de segunda a sexta estou nesta secretária a ter a certeza que umas boas 8 horas do meu dia estão aqui gastas. Ao menos assim não tenho de pensar que desejo outras coisas.

Ao meio dia e meia já os estômagos pedem almoço e as cabeças piedade. Chega a hora de irmos almoçar à cantina, como na altura da escola. O cheiro é o mesmo, os sons também (todas as cantinas têm este som), mas os colegas não são os nossos amigos de depois das aulas, são pessoas diferentes, tão diferentes... com outros desejos, outras ideias, outras vidas, outras formas de pairar sobre a vida.

Como é que passo tanto tempo aqui?

Podia tirar férias, tenho uns vinte e tal dias por ano que são por minha conta. O que raio são vinte e tal dias em 365, dos quais de dois em dois se vai tendo “dias úteis”? De onde vem essa coisa de “dia útil”? É útil porque trabalhamos? Para mim um dia útil seria aquele em que não trabalhasse e acordasse como, quando e onde quisesse para fazer o que tivesse ganas, sem prestar contas.

Não, não vou terminar este projecto hoje. Amanhã tenho que cá estar outra vez, a fazer estas coisas e a inventar outras tantas. Para quê sair tão tarde? Saio daqui tão cansada quanto acordei, é um cansaço diferente, é verdade. Não gosto de nenhum dos dois.

Saio a tempo de ir até à Foz ainda de dia, já resta pouco, bem sei. Aqui, longe das paredes, com o Douro a habitar-me de cada vez que inspiro, sinto que o mundo pode ser diferente. Quero ser dona do meu tempo, enquanto é tempo. O fim do dia aquece-me mais do que é costume, o horizonte flamejante já não arde na so-

lidão. Deveria eu achar que o mundo está a acabar? Que se trata apenas de uma ilusão de óptica? Não consigo deixar de olhar. A luz fere mas pouco importa. Com a clareza da claridade que se põe, percebo que, para este mundo acabar, não posso começar a construir outro sozinha.

Amanhã, já não é outro dia

A manhã límpida espreitava pelos interstícios das portadas. Dois feixes de luz penetravam na penumbra do quarto, deixando um rasto de poeiras suspensas como partículas numa valsa frenética. Os raios atravessavam o quarto até bater no vidro do relógio e, como por magia, dois pontos brilhantes formavam-se no tecto.

Fechou os olhos e respirou fundo para lembrar a frescura do orvalho longe, muito longe, nos campos ainda adormecidos.

Era um dia da semana, as correrias dos relógios andavam pelas ruas. Crianças de sacolas e mochilas, livros e cadernos nos braços, eram arrastadas pelos pais em cadências de passos rápidos. Joelhos vacilantes, outros saltitantes, seguiam ora cépticos, ora alegres. Jovens mais lentos apalpavam o alcatrão das passadeiras com *fores* nas orelhas e telemóveis nas mãos. Passavam quase invisíveis.

A Beatriz saiu de casa atrasada, deixou a Lúcia no jardim-de-infância e foi para o trabalho.

Andou um pouco e, apesar de estar atrasada, apercebeu-se de que estava propositadamente a arrastar o passo. Desta vez tinha tempo para sentir os cheiros, ver os detalhes das paredes e das janelas, parar e tocar nas cores dos vasos com flores. Via os outros a correrem em despique para chegar em primeiro lugar ao emprego e sabia que, hoje, estava fora dessa corrida. Hoje, era apenas espectadora.

Sorriu lentamente.

Após 17 anos a fazer este percurso, a Beatriz foi dispensada da firma e hoje era o seu último dia de trabalho. Sorriu de novo para o mundo e recomeçou a andar em direcção à paragem de autocarros. Sentou-se ao lado de uma criança e ficou à espera do 703. «Hoje não vai ser o meu último dia de trabalho, sabes?», disse à criança. «Eles que esperem ou que trabalhem sem mim... Hoje, vou ter com o meu tio Pereira!».

A criança, que não fazia ideia do que se estava a passar, sorriu à Beatriz com um ar de simples perplexidade condescendente que se concede a um adulto em semelhante situação. «Sim», acrescentou, «hoje vou ver o meu tio-avô Pereira.»

No quarto do Senhor Pereira, os dois pontos de luz no tecto começavam a desaparecer quando a auxiliar de apoio domiciliar entrou.

«Bom dia, Senhor Pereira! Como vai isso hoje?»

Abriu a portada. Preparou a mesa à beira da janela. Trouxe um alguidar e toalhetes.

«Vamos lá lavar a cara...»

Instalou-o à janela e trouxe o pequeno-almoço. O café tinha aquele mesmo cheiro quente aconchegante do café *sobe e desce*. Descia a rua do Bonjardim em direcção a São Bento. Ao virar a esquina, o Pinto acenava-lhe da sua pasteleira. Lá ia ele, rua abaixo, até Gaia.

A Maria sacudia o pano do pó. Tanto pó limpava aquela mulher! É impressionante o pó que uma casa pode acumular. Os estendais já estavam cheios de roupa lavada e o cheiro a detergente

espalhava-se. As ruas ainda desertas fervilhavam de vidas entre paredes e portas fechadas. Ao chegar à esquina da Gonçalo Cris-tóvão, hesitou entre virar em direcção à Praça da República ou seguir em frente. Acelerou o passo e, em pouco tempo, estava na estação de São Bento. Não escolhera o caminho mais directo para a fábrica, mas esta manhã apetecia-lhe caminhar à beira do Douro. Ainda tinha tempo, para cortar caminho, seguiu em direcção aos Clérigos e desceu a rua da Restauração.

Enquanto esperava o 703, a Beatriz fazia contas à vida. E agora? Mais valia tratar de ir já ao centro de emprego, à segurança social... e...

Lembrou-se da pequena mão da Lúcia.

Passaram vários autocarros.

Que fazer? Um curso de formação remunerado como disse a Susana? Ilusões! O que sabia fazer? O que gostava de fazer? Que disparate!

Levantou-se cheia de frio e começou a caminhar sem rumo sentindo uma mistura inebriante de angústia e liberdade.

O que fazer? Só tinha que ir buscar a Lúcia às 18:30.

Enfiou as mãos nos bolsos e caminhou.

O que fazer?

Pessoas andavam com as suas vidas às costas. As lojas estavam abertas. Carros, camionetas, motas e autocarros passavam. Quando deu por si, estava perto da quinta do Covelo. O jardim estava deserto e uma humidade premente subiu-lhe num arrepio pelas costas. Precisava de um chá bem quente.

O sol já estava inclinado a meio caminho do céu, como acontece no inverno, e os cheiros de frituras e refogados emanavam das cozinhas e espalhavam-se de telhado em telhado. A carrinha do centro de apoio social chegara. Foi-lhe servida uma sopa fumegante que embaciava quase o vidro da janela. A primeira colheira lembrou-lhe a gamela tantas vezes partilhada com os companheiros da fábrica dos panos.

Lá ia ele com o Vasco, o Modesto e o Pires pela rua de Serralves até à rua do Aleixo e, frente ao rio, partilhavam conversas e comidas.

Sentados nos bancos de pedra, a conversa jorrava espontaneamente entre as mãos procurando a comida, levando-a à boca com os olhos no rio e o lento mastigar.

- Ó Pereira, prova lá este petisco da minha Lucinda!
- Viram o jogo ontem?
- Eh pá, não, a televisão avariou e a rádio não tinha pilhas. Quando cheguei ao *sobe e desce*, já o melhor tinha passado.
- Ouvi dizer que a coisa está preta na administração dos panos.
- Não tarda nada e vamos todos para a rua.
- O que fazer?
- Vamos, está na hora de picar o ponto.

Enquanto regressavam à fábrica, subindo a rua do Aleixo, as águas fluíam lentamente para o mar e os pombos ficavam a limpar as migalhas.

A Beatriz entrou num café. Pediu um chá. Saboreou cada golada. Que fazer? Vou ver o meu tio Pereira. Não o vejo há tanto tempo. Ao passar a mão pelo rosto, pensamentos erráticos, fragmentários e caóticos deslizaram e espalharam-se na mesa de café. Como estará o tio Pereira? Sozinho? Com os filhos no estrangeiro, algures. Nem me lembro da tia Conceição. O que estará a fazer a Lúcia a esta hora no jardim? O que faz esta gente toda no café a esta hora? Rua do Bonjardim, qual será o número da porta? Bem, hei-de me lembrar quando lá chegar. O quarto dele fica lá no alto, com uma vista impressionante sobre o Porto, até ao mar.

Uma gaivota desvairada bateu na janela e de súbito todas as histórias de albatroz subiram à sua memória emudecida. Já não bastavam as pernas paralisadas, ainda tinha que ser essa coisa

a que chamam afasia. Afasia... que palavra tão estranha... quase que não soa ao silêncio... quase que canta o S por aí adentro das palavras... mesmo assim as meninas do apoio social falam... falam muito... falam pelos cotovelos.
Uma lembrança feliz embaciou-lhe o sorriso.

Já o sol se aproximava do mar.
O jantar foi deixado na mesa.
O horizonte de braços esticados fechava-se sobre a luz do dia.
Nesse dia, o Senhor Pereira nunca chegou à foz do Douro.
Nesse dia, a Beatriz nunca chegou a ir visitar o seu tio.
Uma ligeira brisa de maresia despenteava os pensamentos.
Estava exausto.
As suas pálpebras cansadas, piscando alternadamente sobre as suas pupilas, fixadas no mar, cheias de uma luz trémula, como duas velas numa corrente de ar, fecharam-se.

Amanhã, já não é outro dia.

Um

De manhã preta.
Com memórias de explosões.
De explosões pretas.
Com contorno nítido.
A criar escudo.
Redondo.
A ficar bola de toneladas.
Com mares podres.
Sinal sonoro contínuo.
Cada vez mais eco.
Olhos encavados.
Sem importar.

Outro

Bem dormido.
Sem rugas.
De molas nos pés.
De pés bem dormidos.
A pinchar leve.
Com gargalhada quente.
Que lancha e despacha.
De salpicos de pintor.
Pintura a viver.
Distraída.
Com flores daninhas.
Sem importar.

Retirado do seu sonho pelo som do despertador, foi forçado a regressar ao mundo real.

Com os olhos semi-cerrados pelo peso de uma noite mal dormida, atirou a mão direita com violência sobre o despertador, responsável pela sua saída do mundo dos sonhos.

Deu por si sentado na cama a olhar-se ao espelho. Desviou o olhar no reflexo do espelho para a sua companheira que dormia com um leve sorriso nas duas linhas que eram os seus finos lábios.

Esfregou as mãos energeticamente no cabelo, já demasiado comprido para o seu gosto, para o ajudar a despertar. Quando achou que estava suficientemente desperto, levantou-se e dirigiu-se para a casa-de-banho. Depois da mijinha da manhã, tomou banho, fez a barba, vestiu-se e por fim penteou-se.

Já na cozinha, preparou uma caneca de café solúvel com um pouco de leite e um pão com manteiga. Sentado à mesa, pensava no dia que tinha pela frente, fazendo um esforço para se lembrar de duas reuniões chatíssimas e, depois do almoço, nada. – “NADA?!”

– exclamou, visualizando mentalmente a sua agenda – fazendo ainda mais um esforço para ter a certeza. “E... nada! Acho que hoje vai ser um bom dia para ir cortar o cabelo.” – pensou.

Mais animado, terminou o pequeno-almoço. Foi ao quarto, pegou no casaco e, antes de beijar a mulher que estava deitada, como sempre fez desde que começaram a viver juntos fazia três anos, olhou-a como se aquela fosse a última vez que olhava para ela e, levemente, para não a acordar, beijou-a onde as duas finas linhas dos seus lábios se perdiam uma na outra. Saiu do quarto, repelindo a vontade de voltar para a cama e envolver aquela mulher nos seus braços.

Pegou nas chaves do carro e saiu porta fora. Viu-se obrigado a descer quatro pisos pelas escadas de serviço até ao nível da garagem, pois o elevador estava avariado havia duas semanas.

Entrou no carro e abriu a porta, sendo a garagem invadida pela claridade do sol, fazendo-o esquecer por momentos o ar frio tão natural daquela estação do ano.

Entrou na rua, onde já começava o vai e vem de carros, normal para aquele dia da semana. Demorou cerca de quinze minutos até chegar ao parque da empresa.

Ao mesmo tempo que ele, chegou uma colega que, por coincidência, era uma das pessoas com quem iria ter uma reunião dali a uma hora.

Depois de se cumprimentarem, entraram lado a lado sem pronunciarem mais uma palavra. Apanharam o elevador juntos para o oitavo andar.

Deu os bons-dias à sua assistente e entrou no gabinete. Encontrou a secretária cheia de documentos espalhados. A maior parte deles eram folhas recicladas sem qualquer utilidade ali, mas que, estrategicamente, faziam parecer que estava sempre muito ocupado, tão ocupado que não tinha tempo nem para arrumar a secretária. Como sabia quais eram, exactamente, os papéis “lixo” e os documentos, sempre que queria, arrumava e desarrumava a secretária numa questão de segundos.

Depois de ver os e-mails e responder a alguns, preparou-se para

as reuniões com os departamentos de Marketing e Financeiro. Passado pouco tempo, a sua assistente veio avisá-lo de que o departamento de Marketing, já estava na sala para começarem. Agarrou na pasta dos documentos necessários e saiu em direcção à sala de reuniões. Ainda estavam todos a tentar organizar-se quando ele chegou à porta. Sentou-se numa cadeira vazia depois de todos se terem sentado. Passados dois minutos, pois ainda não tinham chegado dois directores, iniciaram a reunião. Alguns minutos depois, ele já tinha percebido as linhas gerais da campanha. O resto da apresentação era praticamente encher chouriços. Olhou para o relógio. Ainda eram dez horas da manhã. Nesse momento, imaginou-se a sair da sala de reuniões, pegar no carro e conduzir a toda a velocidade para chegar a casa ainda antes de ela sair para trabalhar. Mulher com horários diferentes todos os meses, ser médica anestesista tem dessas coisas. Queria voltar a beijar aqueles lábios finos, queria colocar de novo os braços em volta do seu corpo.

Foi trazido à realidade pelo ruído das cadeiras a serem arrastadas pelas pessoas ao levantarem-se. Sorria e acenava com a cabeça afirmativamente, ao mesmo tempo que dizia que tinha gostado muito da apresentação. Olhou de novo para o relógio. Ainda faltava meia hora para a próxima reunião. Ao passar pela assistente, pediu-lhe que o alertasse para tal.

Já no gabinete, abriu a janela e acendeu um cigarro.

Enquanto olhava o outro lado do rio, recordou quando, quatro anos antes, a sua vida havia parado. Fazia quatro anos que a sua vida caiu como um castelo de cartas. Tinha acabado uma relação e, por consequência, o emprego. Pela primeira vez na vida, viu-se num aperto e com a família longe demais para o apoiar. Foi graças à ajuda dos amigos que conseguiu ultrapassar essa fase. Entretanto, meio ano passou e, durante uma festa de amigos, conheceu a mulher que partilha a sua vida. Dois meses depois, conseguiu um emprego na empresa onde ainda trabalha. Onde, hoje, do seu gabinete no oitavo andar, via as pessoas que passavam na rua. Por vezes, ali da sua janela, escolhia ao calha uma

das pessoas que passava com o andar mais atarefado e imaginava por onde ia, de onde vinha, que iria fazer quando chegasse a casa, etc.

Já conhecia o Porto e foi nessa cidade, que ele já considerava como sua, que soube o verdadeiro significado da amizade. Foi onde fez verdadeiros amigos.

Esboçou um sorriso ao recordar como a sua vida mudara desde que tinha deixado a sua pacata terra natal no sul de Portugal e rumado para a maior cidade do norte para ir para a faculdade.

Procurou no céu o fenómeno óptico que iria acontecer durante o fim daquela tarde, segundo ouvira no rádio do carro. Tudo lhe pareceu normal, as gaivotas continuavam a pairar sobre o rio, o céu estava limpo e nem sequer as pessoas que via passar oito andares abaixo pareciam afectadas pela notícia.

Foi interrompido pela assistente, que o retirou dos seus pensamentos ao anunciar-lhe que iria começar a reunião com o departamento Financeiro.

Agradeceu-lhe, pegou no monte de documentos destinado para essa reunião e saiu porta fora. A reunião, ao contrário do que estava à espera, correu bastante bem. Saiu da sala, aliviado e satisfeito consigo mesmo.

Entrou de novo no gabinete, sentou-se à secretária e foi arrumando os papéis que tinha consigo.

Depois de tudo arrumado, ainda demorou cerca de vinte minutos a ver e a responder a e-mails. Como estava perto da hora de ir almoçar, veio até à porta do gabinete e perguntou à assistente se tinha alguma coisa agendada para a parte da tarde. Com um sorriso no rosto, como sempre fizera, confirmou-lhe que tinha a tarde livre.

Pediu-lhe para, se alguém lhe ligasse, reencaminhar a chamada para o seu telemóvel.

Voltou para dentro e pegou no casaco para ir almoçar. Naquele dia ia comer sozinho, não era normal fazê-lo mas também não estranhou.

Saiu do edifício, entrou no carro para ir a um restaurante junto ao rio.

Comeu um dos seus pratos preferidos, muito típico daquela cidade. Uma espécie de sande, com três tipos diferentes de carne, queijo derretido com abundância por cima do pão e, depois, tudo muito bem regado com um molho especial, cujo segredo difere de cozinheiro para cozinheiro. Para beber, pediu uma cerveja e a sobremesa não foi mais do que um café.

Pagou e saiu do restaurante. Quando se dirigia para o carro, que estava estacionado numa rua paralela ao rio, olhou para o céu, que estava limpo. A temperatura estava agradável e ele sem nada que fazer durante aquela tarde. Olhou para o relógio. Ainda eram duas horas e meia da tarde. O fenómeno óptico, que tinham anunciado nos meios de comunicação, parecia não vir a acontecer. Tudo estava normal.

Acendeu um cigarro, atravessou a rua e caminhou calmamente ao longo do rio até à foz. Uma brisa fria roçou-lhe o rosto. Felizmente tinha-se lembrado de vestir o sobretudo por cima do casaco e ainda tinha o cachecol num dos bolsos.

Caminhou vagarosamente, pensando na sua vida. Lembrou-se que, dali a dois dias, ele e a sua companheira faziam quatro anos que estavam juntos. Enquanto caminhava, pensava no que lhe iria dar de presente. Ele nunca foi de ligar muito a qualquer tipo de aniversários, mas ela dava importância a esse tipo de mimos. Veio-lhe à cabeça um fim-de-semana para os dois, incluindo SPA completo para ela. Achou boa ideia e fez um esforço para se lembrar de fazer a reserva logo que chegasse a casa.

Sem dar por isso, o rio tinha ficado para trás e já caminhava junto ao mar, paralelo ao mar. Desceu pelas escadas de acesso à praia. Depois de algum tempo a caminhar pelas rochas, sentou-se numa que entrava mar dentro. Confortavelmente sentado, acendeu outro cigarro enquanto olhava o horizonte.

O efeito hipnótico do vai e vem das ondas, aliado ao som que elas provocam ao encontrarem-se com as rochas, fê-lo perder a noção do tempo.

Ali sentado, abrigado pelas rochas duma brisa gelada que se levantara, esvaziou a cabeça de todos os problemas.

Simplesmente ficou ali a olhar o horizonte. Com o olhar, seguiu um barco que se destacava na linha que separa o mar do céu.

Só quando o sol estava praticamente ao nível dos seus olhos é que ele resolveu ver que horas eram.

Consultou o relógio. Faltavam vinte minutos para as cinco da tarde e o frio despertou-o. Ainda tinha que ir ao barbeiro, felizmente era perto dali.

Levantou-se, sacudiu-se e, saltitando de rocha em rocha, chegou ao passadiço. Subiu as escadas que davam acesso ao passeio, ao nível da estrada, e, sem que desse por isso, estava mesmo em frente ao cabeleireiro masculino.

Atravessou a rua e deu com o barbeiro a acabar de fumar um cigarro encostado à porta.

- O mesmo de sempre? – perguntou o barbeiro, ao vê-lo chegar perto de si.

- Sim! – respondeu ele, sem olhar para o homem.

Entrou, tirou o sobretudo e o casaco, pendurou-os e sentou-se no cadeirão.

O sol, lá fora, continuava a sua viagem descendente, preenchendo o interior do estabelecimento de um tom dourado.

Ao mesmo tempo que, pelo espelho, olhava para o trabalho que o cabeleireiro estava a executar, via lá fora o mundo ao contrário.

Os carros, as pessoas, inclusive o sol, estavam do lado errado da paisagem. Como que se o cabeleireiro fosse uma porta para um outro mundo. Para uma outra vida.

Esqueci-me

Há quem tenha mãos de aranha. Ele era a cabeça.

Esquecia-se de tudo. Às vezes até se esquecia de que não se lembrava.

Sabia quase nada. Tudo o que importava para viver.

Não era Alzheimer. Era esquecimento.

Conhecia as pessoas. Por vezes, não sabia de onde. Raramente o nome.

Sabia dos sentimentos. Não os sentia verdadeiramente. Tinha-os colados à pele como conceitos que praticava sem reparar. E, depois, esquecia-se. Do sentimento, digo.

Não se enganava nas ruas. Mas só ao chegar lá. Ia indo e reconhecendo.

Aquela ia direitinha ao mar.

Parece estranho, sim. Parece muito estranho. E até parece que não parece estranho só a ele. E... pensando melhor... talvez tenha sido sempre assim. Quem é que tem cabeça para isso?

Luz

O meu nome é Luz, tenho 20 anos e sou filha de um dos momentos mais estranhos e mágicos que a Natureza ofereceu ao nosso mundo.

Muitas coisas mudaram desde esse dia. Sei que até lá não éramos todos considerados iguais, que havia fome e miséria.

Se hoje vivo num mundo justo e livre, é porque esse momento existiu.

Esse momento ajudou os meus pais e outros a fazerem e completarem o trabalho de muitos anos.

É esta a minha desculpa para narrar esta história.

Qual é a vossa?

Clara abriu os olhos. Como não tinha fechado as cortinas, a luminosidade exterior feria-os.

Que horas seriam?

Na sua cabeça retumbavam ainda os sons da noite anterior. As gargalhadas, o retinir dos copos de shot a baterem uns nos outros, a música alta demais, que fez os vizinhos chamarem a polícia.

Todas as memórias daquela noite emergiam lentamente. O corpo de Clara estava dorido, os movimentos da dança e, depois, do sexo frenéticos, faziam-se agora sentir dolorosamente.

Tinha sido inesperado, eram dez da noite e Clara, aninhada no sofá, esperava passar o serão a vegetar em frente à televisão.

Tudo mudou com a chegada de Jorge e, com ele, duas garrafas de vodka, uma já quase vazia.

Jorge entrou na casa, no quarto, e dirigiu-se ao armário com o à-vontade que têm aqueles que fazem parte de nós, que nos estão tatuados na pele.

Clara instalou-se no sofá a observar, divertidamente, a busca desenfreada de Jorge no armário. Viu vários vestidos a voarem na direcção da sua cama e só lhe passava pela cabeça que Jorge teria que arrumar aquilo tudo.

Não queria sequer pensar no objectivo daquela empreitada, mas quando ele apareceu, empunhando, triunfante, o vestido vermelho de Clara, ela teve a certeza...

Naquela manhã, a luz entrava pela janela de uma forma mais poderosa do que o normal. Ainda entorpecida, Clara levantou-se e foi fazer café, era a única coisa que desejava naquele momento. Deu uma olhadela nos vestidos que se acumulavam, agora, no

pequeno sofá do quarto e seguiu para a cozinha. Pensava, entre o triste e o divertida, que continuava a deixar-se manipular por Jorge, não conseguia ser a mulher forte e determinada que habitualmente era com ele.

Aquela casa centenária, no centro do Porto, tinha sido conquistada pelos dois. Os dois a tinham visto e amado enquanto passeavam por Santa Catarina, acabados de chegar à cidade, sem grandes objectivos que não o da aventura.

Ah, e Clara queria ser actriz, Jorge queria mudar o mundo.

Apesar de velha, amarrotada e triste, aquela casa conquistou os corações dos jovens sedentos de coisas novas.

Numa noite de bebedeira, foi Clara quem tomou a decisão de que a casa tinha que ser deles. Fora tão simples que, sempre que se lembrava disso, ela achava que, para ser tão fácil, era porque a casa lhes estava destinada.

Aos dois. Tinham 19 anos e lá viveram juntos por quatro anos, sem nunca serem incomodados, sem saberem de proprietários, com luz e água ilegais.

E assim continuou Clara quando, um dia, Jorge simplesmente declarou que se ia embora, deixando-a perdida, sem saber o que fazer. Ao fim de seis meses, enfrentou-se a si mesma e decidiu que tinha que seguir em frente.

Continuou o seu trabalho no teatro e com a ajuda de amigos manteve as obras de manutenção da casa, que agora era de todos. A qualquer hora, entrava alguém naquela casa.

E Clara ergueu-se, estava quase feliz. Assumiu o Porto como seu, lutou as suas lutas, fez a sua vida misturando-a intimamente com os problemas sociais da cidade.

Todos os actos de Clara reflectiam tudo o que tinha aprendido e absorvido com Jorge. Mas ela negava isso, fingia ter esquecido.

No dia em que fazia seis anos que Jorge desaparecera, o impen-sável aconteceu.

Nessa noite, Clara ia jantar com a sua família e a de Pedro, o amigo que mais a apoiou quando ficou sozinha, para anunciarem que se iam casar.

Na manhã seguinte a essa noite, Clara sentia-se como hoje, manipulada, usada, sem forças e, acima de tudo, sem perceber como é que ela ainda se deixava enredar naquela teia.

Quando Pedro bateu à porta, com o olhar ferido dos que são rejeitados sem perceberem o porquê, ela só conseguiu chorar. Aquele choro lavou-a, mas não lhe deu coragem para explicar nada.

Pedro percebeu que nunca casaria com a mulher que amava quando, nos dias seguintes, viu Jorge a trabalhar com eles no projecto de reconstrução de uma casa abandonada.

Nesta manhã em que a luz que lhe entrava pelas janelas estava estranha, demasiado forte como se algo fora do normal se passasse, Clara tomava o seu café sem açúcar e só pensava que, na noite anterior, tinha deixado que, mais uma vez, Jorge se imiscuísse na sua vida.

Precisava de organizar na sua cabeça tudo o que mais uma vez se tinha repetido, mas que já não acontecia há dois anos. Já não acontecia desde a noite em que Jorge voltara, com a serenidade de quem sempre esteve lá.

Ordenou-lhe que vestisse o vestido vermelho e que se arranjasse e ela, como se de um autômato se tratasse, obedeceu-lhe cegamente. Pelo meio foi perguntando onde iam, sem obter resposta. Foi então bebendo vodka, até já não perguntar mais.

Eles conheciam-se desde sempre, tinham vivido juntos quatro anos, podia até dizer-se que se amavam, mas nunca tinham feito sexo. Isso não impedia que Clara fosse o brinquedo sexual preferido dele. Por todo o passado, e apesar de já há muito não acontecer, Clara sabia bem para o que ia.

Entre o fascínio que Jorge exercia sobre ela e a meia garrafa de vodka, não houve espaço nem para um segundo de hesitação.

Jorge continuava a beber enquanto a observava a transformar-se de um pequena boneca de trapos numa sensual prostituta de luxo.

Tudo o que eles defendiam e em que acreditavam, a igualdade, a liberdade, as lutas sociais, desapareciam naqueles momentos e Clara passava a ser a bonequinha com que Jorge brincava e que, sobretudo, oferecia a outros para brincar. As orgias em que as mulheres eram tratadas como meros cromos para troca eram a grande contradição e o segredo daquele estranho casal, que dedicava a sua vida a lutar para que todos tivessem direitos iguais, para que a miséria e a pobreza fossem, um dia, uma miragem. Clara foi à janela, a luz invadia todos os recantos da casa.

Finalmente olhou para o relógio de parede, provavelmente mais antigo do que ela e Jorge juntos. Eram três e meia da tarde. Embora fosse quinta-feira, não tinha compromissos.

Os ensaios para a nova peça só começavam na semana seguinte e podia dar-se ao luxo de passar um dia sem falar com ninguém.

Jorge tinha o condão de motivar todos os que se aproximavam dele e, naqueles dois anos desde que regressara, trabalharam mais do que nunca. Reabilitaram casas, conseguiram o apoio

das populações, lideraram grandes manifestações. Conseguiram que, nos tempos difíceis que corriam, o Porto se transformasse no centro das revoltas e mudanças do país. Jorge era adorado por todos os que queriam um mundo melhor.

Mas, neste momento, a olhar para o espelho e sendo a única que conhecia o outro lado, Clara odiava-o com todas as suas forças. Jorge pregava alegremente o contrário do que realmente fazia, provavelmente até daquilo em que realmente acreditava.

Entrou no banho e deixou que a água lhe lavasse da pele os vestígios de todos os homens a quem Jorge a tinha oferecido.

Quantos teriam sido?

Naquele momento não interessava, ela só conseguia pensar que não se podia repetir. Não por ser imoral ou algo do género, mas porque não era a sua vontade. E já tinha perdido demasiadas coisas que realmente queria por causa daqueles momentos que eram apenas fruto de alguém que a manipulava friamente, pois sabia do amor cego que a guiava.

Enquanto a água corria, foi pensando que aquilo não podia ser amor, mas sim uma obsessão doentia que a fazia abandonar tudo por migalhas sem sentido.

Ela tinha aprendido com o homem que a manipulava que amor era companheirismo, fraternidade, ternura, carinho e ali, naquela relação doente, não tinha nada disso. O mais perto que estivera disso fora com Pedro, que ela abandonara sem piscar os olhos por uma noite vestida de cor-de-rosa.

Ao sair do banho foi à varanda, nua, deixou que a luz imensa e quente lhe secasse o corpo.

Eram cinco da tarde.

Pegou na tesoura de alfaiate que o avô lhe tinha deixado e cuidadosamente cortou o vestido vermelho, o cor-de-rosa e o preto, que Jorge lhe tinha oferecido, em pequenas tiras.

Vestiu-se e pegou no telefone. O máximo que lhe podia acontecer era ouvir um não. Não aconteceu. Saiu de casa com um saco de tirinhas de tecido e o coração leve.

Eram seis horas, tinha que se despachar, pois tinha combinado às seis e meia na Foz.

Quando chegou ao local onde tinham passado tantas horas juntos a conversar, a divagar, ele já lá estava.

E quando se abraçaram perante o fabuloso e avassalador espectáculo que a Natureza lhes oferecia não tiveram medo, nem tão pouco estranheza, sentiram antes o momento como um presente.

Aí, Clara e Pedro tiveram a certeza de que Jorge era só uma neblina e de que aquilo que os unia, sim, era amor.

Uma tarde de nevoeiro no Porto é um combate sem fim contra a solidão

Os dias de nevoeiro sempre me deixavam assim-assim feliz. Parecia existir uma densidade maior nestes dias, a vista ficava nublada e permitia uma maior imaginação – o que existiria, afinal, para além da neblina? Outra coisa de que gostava muito nos dias de nevoeiro era poder brincar com a respiração e com o fumo do cigarro. Inspirar e expirar com força dava uma ideia de que se estava vivo. E o cigarro da mão esquerda para a direita e da direita para a esquerda lançava um caminho que se dissipava para o céu, um bafo profundo e um expirar de chaminé – um incêndio de todo o tamanho dentro de mim. Assim expurgava todos os males do mundo e sempre sabia melhor que uma hóstia. Mesmo aqui, na avenida, os carros que passam têm outra coisa que não costumam mostrar, o fumo denso do escape. O fumo sempre precisou de fugir, ficar é perigo de asfixia.

As montras estavam bonitas. Não tanto pelo que lá víamos – disposto e enfeitado de forma organizada por algum vitrinista -, mas pelo reflexo. Um outro mundo se encontrava no reflexo do vidro da vitrine, parecia que as coisas – nuns casos sacos de café, noutros roupas coloridas, havia também outros que penduravam presuntos, potes de mel, garrafas de vinho, e aquela livraria escolhia os *best-sellers* mais berrantes – viviam em comunidade com

a cidade. Aquela multidão encasacada, de chapéu-de-chuva fechado pendurado no braço, os olhares firmes na frente, viviam no meio daqueles objectos. Passavam mesmo por entre eles, por dentro deles, como se nada importasse. Um mundo de sobreposições e sem barreiras no vidro de 15 milímetros de espessura.

Os cafés enchiam-se de gente a beber cimbalinos e finos, a conversar animadamente. Uns entravam e sentavam-se em grupo, outros eram solitários, outros ainda lá se iam conhecendo por, no quotidiano daquela hora, ao final de tarde, se encontrarem sempre naquele velho tasco. Um fulano de bigode farfalhado bebe um tinto feliz pela vitória futebolística da noite anterior – a comemoração vai durar a semana toda até ao próximo jogo e, em caso de derrota, bebe-se para se afogar as mágoas. Um trio de velhotes de barbicha: um gordo com ar de taxista ou de polícia, um magro com ar de contabilista, um nem gordo nem magro com ar de poder fazer um trabalho qualquer – isto tudo assim à primeira vista. Discutiam efusivamente, mais fino menos fino, a situação político-económica do país, da Europa e quase até do mundo com grandes e enormes certezas, com previsões certas sobre o dia de amanhã e os próximos cinco anos – e, arrisco, para toda a eternidade, tal é o tom convicto deste trio. E nesse tom ouve-se a seguinte e surpreendente frase: «O que isto precisava era de um novo Salazar!». Com esta frase, tão importante para o trio como a descoberta da pólvora – que permitiu fabricar armas mais mortais do que as que cortam -, abate-se um nevoeiro constrangedor por todo o café. Há um aperto nos peitos de quase todos no local, uma tristeza, uma fraqueza. Nada há a fazer, estaremos condenados a isto?

Fora do café continuava o nevoeiro, mas menos denso do que umas horas antes. As gentes dos trabalhos com horário menos «flexível», das 9h às 17h, iam passeando com rumo a cafés, casas, transportes ou supermercados. Já não se via aquele efeito maravilhoso do fumo, do vapor, da neblina nas bocas de todos os que respiravam. Já se conseguia ver as caras das gentes, mas não se poderia imaginar o que viria 15 metros à minha frente. E agora,

o que dizem essas caras? Posso adivinhar? Será que lhes falta um Salazar? Mais um Salazar e a sua PIDE? Ou um Salazar, pequenino e mesquinho, sem querer saber dos outros, mas sem PIDE, que assim avançávamos para sabe-se lá onde. E não existiriam abusos, nada disso! Eu não escarraria no chão, por exemplo, porque agora estamos num país civilizado, orgulhoso, só.

Orgulhoso nunca fui. E só, sozinho, tenho sido de vez em quando. Embora não ser orgulhoso me dê algum orgulho, a solidão é coisa que pesa no peito e na cabeça. Que vida é esta em que, se não juntar a minha cabeça, e as mãos, e as pernas, e os sexos – de vez em quando, enfim – a outros, passo os dias ou a mirar o tecto branco do quarto, a janela da sala, ou os bêbedos do café. E fico cada vez mais parecido com os bêbedos do café, sozinho e resmungão, embirrento, sem nada para fazer p'ralém de discutir por dentro comigo próprio ou com outros que vá imaginando.

Quando me mudei para o Porto era porque estava cansado de estar sozinho em Lisboa. Preferia estar só num sítio que não conhecia, assim parece estar tudo em aberto para uma nova vida. É preciso fazer alguma coisa para mudar de vida. É preciso fazer alguma coisa com os outros. Mas o quê?

De repente ouvem-se muitas vozes, o nevoeiro dissipou-se, e todos se chamam uns aos outros para rumarem para a Ribeira. Uma vontade colectiva! As faces dos homens, das mulheres, das crianças, dos animais, tinham ar de esperança. Mas do quê? Do quê? Corro como todos os outros para a margem do rio, onde se miram os antigos armazéns de vinho do Porto e toda a Vila Nova de Gaia, e agora? Mas então e agora? Que está o Porto todo – ricos e pobres, taberneiros e padres, pares de namorados e solteirões, velhos de bengala e grávidas, todos, todos, um mar de gente, sem medo uns, com muito medo outros – aqui, na Ribeira, a olhar para este estranho acontecimento.

E então? É por isto?

Lápis Desafiado nº1

Maio 2013

